

ESBOÇO DE UMA INQUIRIÇÃO FILOSÓFICA PRAGMÁTICO-EXPRESSIVISTA DA LINGUAGEM SOBRE AS 'INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS'

Osvaldino Marra Rodrigues

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumen. – As teses centrais da Filosofia Moderna pressupõem uma concepção racional da mente. Isso implica afirmar que um agente racional possui, potencialmente, as condições necessárias para conhecer. Nesse sentido, teoria e prática aparecem como conceitos desvinculados. Mais especificamente, as concepções da Filosofia Moderna, tanto de herança cartesiana quanto lockeana, privilegiam a teoria em detrimento da prática. Com isso, a modernidade instituiu uma antropologia sustentada pela hipótese teórico-epistemológica do sujeito idealmente desprendido como se as condições de inteligibilidade fossem propriedades das mentes particularizadas dos agentes, permeadas pela adoção de uma teoria, ou pelo menos de uma suposição, a respeito de como as coisas funcionam. Contra tal concepção predominante, Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, argumenta em contrário: a prática das formas de vida e dos jogos de linguagem é que sustenta e torna possível a teoria, não o contrário. Para desenvolver esse argumento apoiamos-nos em dois autores contemporâneos, Richard Rorty e Charles Taylor.

Palabras Clave. – *Wittgenstein, conhecimento, formas de vida, jogos de linguagem, agente engajado.*

Abstract. – The central thesis of Modern Philosophy assumes a rational conception of the mind. It means to say that a rational agent has, potentially, the conditions necessary to know. In this direction, theory and practice concepts appear as disconnected. More specifically, the concepts of Modern Philosophy, both Cartesian and Lockean heritage, focus on theory over practice. Thus, the modern anthropology has established a hypothesis supported by theoretical and epistemological subject ideally disengaged, because the intelligibility conditions would be properties of individualized minds of agents, permeated by the adoption of a theory, or at least an assumption, about how things works. Against this prevailing conception, Wittgenstein, in *Philosophical Investigations*, argued to the contrary: the forms of life practices and language games are what sustains and makes possible a theory, not the inverse. To develop this argument, we have support on two contemporary authors, Richard Rorty and Charles Taylor.

Keywords.- *Wittgenstein, knowledge, forms of life, language games, engaged agency*

Pressuposições teórico-metodológicas

Pressupomos e assumimos, convictos, o anacronismo de nossas pressuposições ao afirmarmos que as 'Investigações filosóficas'¹ de Ludwig

¹ Cujo título em alemão é 'Philosophische Untersuchungen'. Anscombe, discípula, tradutora e comentadora da obra de Wittgenstein, explica, no 'editor's note', que a primeira parte das IF foi terminada em 1945, enquanto a segunda parte, menos elaborada, redigida entre 1947 e 1949, foi organizada por ela e Rhees. Quanto ao prefácio de Wittgenstein, está datado de janeiro de 1945. As IF é uma publicação póstuma, 1953. [Observação: neste artigo, aspas simples destacam conceitos ou expressões importantes, bem como títulos de livros ou artigos; dupla, citações. Quanto à notação das obras principais de Wittgenstein: IF, 'Investigações Filosóficas';

Wittgenstein, 'malgré lui même', constituem a primeira reflexão na filosofia analítica da linguagem particularmente representativa de uma visão pragmático-expressivista, como sugerido pelo título deste artigo.

Para a consecução da nossa inquirição, procedemos a partir de um recorte teórico-metodológico determinado sobre a leitura das IF no qual levamos em consideração duas abordagens contemporâneas nos estudos sobre a linguagem: o expressivismo e a pragmática. Esta, delimitada por um recorte da obra de Richard Rorty; aquela, adstrita à proposta de Charles Taylor. Por conseguinte, alguns conceitos-chave de Wittgenstein recebem, neste trabalho, elucidações profícuas daqueles filósofos. Das intervenções de Richard Rorty, a questão da 'verdade' e dos 'jogos de linguagem'; de Charles Taylor, sobretudo a leitura que ele oferece sobre o conceito 'Lebensform'. Salientamos que os referidos conceitos são centrais na configuração das IF: "Das Wort 'Spraschspiel' soll hier hervorheben, daß das Sprechen der Sprache ein Teil ist einer Tätigkeit, oder einer Lebensform."²

Quanto ao título, procura ressaltar a incontornável constitutividade da condição humana, a linguagem, uma vez que "Os seres humanos estão emaranhados sem saber na rede da linguagem."³ Ademais, adotamos o expressivismo e a pragmática por serem correntes da filosofia da linguagem que apresentam bons argumentos que se contrapõem às tradições racionalista e empirista da filosofia em suas variadas manifestações, por rejeitarem uma determinada concepção epistemológica que pressupõe a dicotomia entre teoria e prática, entre interioridade e exterioridade.

Tanto o pragmatismo quanto o expressivismo da linguagem consideram inconsistente a tese de que há uma diferença substantiva entre conhecer e atuar sobre o mundo, como se, de um lado, os agentes suportassem em suas 'mentes' a teoria e, do outro, a práxis⁴. Por este motivo, ambas acusam a epistemologia moderna por sua incapacidade de vincular teoria e prática.

De acordo com Rorty, cujo alvo principal é a idéia filosófica de 'conhecimento como representação', como um espelhamento mental de um mundo externo à mente, o racionalismo e o empirismo produziram "a noção cartesiana de idéias como aparências no palco de um teatro interno, tanto quanto a abordagem

TLP, 'Tractatus Lógico-Philosophicos' ou 'Logisch-Philosophischen Abhandlung', título alemão da obra, concluída em 1918].

² IF, § 23. "A palavra *jogos de linguagem* deve aqui realçar o fato de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma *forma de vida*."

³ Wittgenstein, 2003, p. 370.

⁴ Reconheço que o conceito de *práxis* esteja historicamente vinculado à tradição marxista. Não obstante, concebo um alargamento desse conceito, tendo em vista que Karl Marx pertence à tradição expressivista da linguagem, dado que rejeita a preeminência do individual em detrimento do social. É no social, e não no individual, que o ser humano adquire sua estatura ontológica e antropológica. Ou seja, o materialismo histórico está para a linguagem tanto quanto esta para aquele.

lockeana de palavras como signos de tais idéias.”⁵ Sob essa afirmação, também compartilhada por Taylor, há uma tese forte: a modernidade instituiu uma antropologia sustentada pela hipótese teórico-epistemológica do sujeito idealmente desprendido⁶, como se as condições de inteligibilidade fossem propriedades das mentes particularizadas dos agentes, permeadas pela “adoção de uma teoria, ou pelo menos de uma suposição, a respeito de como as coisas funcionam.”⁷

Se corretos estes pressupostos, segue-se que a epistemologia moderna pressupõe ser possível fundamentar o conhecimento prescindido da compreensão nunca plenamente articulável da vida e da experiência humana. Portanto, conforme as críticas oriundas da pragmática rortyana e do expressivismo tayloriano, as articulações teóricas da epistemologia moderna elaborou a conjectura de um quadro epistêmico hipotético do agente desprendido, resultando numa concepção dominante do agente moldado por uma espécie de ontologização do processo racional, entendido como um componente da própria constituição da mente, feito parte de sua estrutura mesma.

A concepção exemplar do ‘sujeito monológico desprendido’ o pressupõe “livre e racional na medida em que se distingue plenamente dos mundos natural e social, de modo que sua identidade já não deve ser definida em termos do que está fora dele, nesses mundos.”⁸ Por conseguinte, a subjetividade produzida pelas correntes predominantes do pensamento filosófico moderno resultou numa hipótese sobre o agente como se este fosse capaz de estabelecer critérios de verdade e justificação a partir da primeira pessoa, corroborando outra hipótese, a de que haveria supracategorias logicamente anteriores à experiência intersubjetiva de mundo pelo agente.

Contraopondo ao perspectivismo dualista do racionalismo e do empirismo, sustentamos uma tese de perspectiva monista, oriunda da noção do ‘engaged agency’ tayloriano, dado que Taylor sustenta que a linguagem é uma ‘forma de vida’ que constitui e sustenta os agentes que nela estão engajados. Por este motivo, a linguagem “não parece ser um instrumento segundo o qual ordenamos os pensamentos em nosso mundo, mas tal que nos permita ter o mundo que nós temos.”⁹

⁵ Rorty, ‘Wittgenstein e a virada lingüística’, p.3.

⁶ Taylor, 1997, p. 210: “O desprendimento é sempre correlativo a uma ‘objetificação’, para introduzir outro termo técnico. Objetificar determinado domínio envolve privá-lo de sua força normativa para nós. Se tomarmos um domínio do ser em que até então a forma de ser das coisas estabeleceu as normas ou os padrões para nós, e adotarmos uma nova postura neutra em relação a ele, nós o objetificaremos.”

⁷ Taylor, 1997, p. 213.

⁸ Taylor, 1995, p. 7.

⁹ Taylor, 1995, p. ix.

Portanto, é ao resultado desta crise instaurada no centro da perspectiva do 'sujeito epistêmico desprendido', fruto da razão abstrata, centralizada, dicotômica e fundacionista que caracterizou a epistemologia clássica, que afirmamos que Wittgenstein propôs uma perspectiva filosófica radicada nas práticas sociais dos agentes.¹⁰ Seque-se, pois, que a proposta wittgensteiniana da linguagem nas IF resulta numa crítica radical ao pensamento vigente em sua época, inclusive à sua teoria constante no TLP, baseado na sintaxe e na semântica estritas da teoria da verdade como correspondência¹¹. Portanto, o representacionismo epistemológico oriundo do racionalismo e do empirismo modernos que pressupõem a figura de um 'agente desprendido', foi radicalmente questionado por Wittgenstein.

Uma boa exposição sobre o *status* da questão nos oferece Rorty: "nenhum de nós, anti-representacionistas, jamais duvidou de que a maioria das coisas do universo é causalmente independente de nós. O que questionamos é se elas são representacionalmente independente de nós."¹² Esta tese de Rorty, aliada ao conceito de 'agente engajado' do expressivismo de Taylor, contribuem para uma revisão sobre o conhecimento, confirmando as teses de Wittgenstein que não há critério de conhecimento possível a não ser na pragmática social, uma vez que as crenças de um agente estão radicadas nas crenças da comunidade lingüística na qual ele participa como 'agente engajado'. É por este motivo que Wittgenstein afirmou que 'certeza' é uma 'crença' que envolve uma aporia insolúvel entre crenças que sustentam outras crenças, num processo circular que não pode ser assegurado senão dentro de um sistema de crenças: "Am Grund des begründetem Glaubens liegt der unbegründete Glaube."¹³

Cabe ressaltar que Wittgenstein se propôs explicitamente a realizar uma análise de linguagem nas IF, dado que a tarefa da filosofia para o austríaco consiste num exercício de clarificação do sentido da experiência dos agentes por meio do exame dos usos da linguagem pelos agentes, e da clarificação das regras que tornam possíveis estes usos nos contextos das 'Lebensform' nas qual a linguagem se efetiva.

¹⁰ IF § 90: "É como se devêssemos desvendar os fenômenos: nossa investigação, no entanto, dirige-se não aos fenômenos, mas, como poderíamos dizer, às 'possibilidades' dos fenômenos. Refletimos sobre o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos. (...) Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mal-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto se pode chamar de "análise" de nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição."

¹¹ Cf. TLP 4.011, 4.002.

¹² Rorty, 2005, p. 94.

¹³ Wittgenstein, Da certeza, § 253: "No fundo de uma crença fundamentada encontra-se uma crença não fundamentada." (Alguns diriam "isto é coerentismo!". Sim, diria eu. Mas afirmar que Wittgenstein é coerentista, seria assumir outro anacronismo. E, por hora, nos bastam o pragmatismo e o expressivismo).

A filosofia pragmático-expressivista da linguagem nas 'Investigações Filosóficas'

Se a análise da linguagem mostrou a Wittgenstein a impossibilidade de uma redução lógico-semântico entre uma proposição e seu significado, ele compreendeu que essa impossibilidade não concerne apenas a esses dois tipos, mas a praticamente a todas as maneiras pelas quais os agentes engajados, 'usam' a linguagem.

Nas IF, sua obra madura de reflexão sobre o tema, Wittgenstein aponta para a precedência da pergunta sobre os 'Gebrauche' (usos) em relação à pergunta pela 'Bedeutung' (significado), pois se há inúmeras maneiras pelas quais os agentes 'usam' uma linguagem, deve haver, igualmente, variados 'jogos de linguagem', cada qual com sua gramática e semântica específicas. Por este motivo, Wittgenstein compreendeu que a linguagem ordinária não possui uma sintaxe e uma semântica estáveis como pressupostas pela idéia puramente referencial do sentido na teoria pictórica do TLP¹⁴.

Se plausível os argumentos das IF sobre a linguagem, esta não é regida unicamente pela ordem lógica, mas pela pragmática¹⁵, sobretudo. É neste sentido que, nas IF, a linguagem não é mais considerada instrumento privilegiado de 'representação' do mundo, mas uma forma de 'ação' no mundo. Esta mudança de perspectiva teve um profundo impacto sobre a ulterior compreensão da linguagem. Se esta não é mais considerada instrumento privilegiado de representação do mundo, a importância de Wittgenstein reside, segundo Rorty, em sua colaboração para nos arrancar do nosso mundo mental cartesiano-lockeano. Ele nos ajudou a superar a tentação de perguntar "que peças da nossa linguagem captura a realidade e que peças não capturam?" Nessa visão pragmatista de sua realização, ele não mostrou a metafísica como *nonsense*. Ele simplesmente mostrou-a como perda de tempo.¹⁶

Em contrapartida, portanto, a linguagem passa a ser compreendida como 'ferramenta de ação' sobre o mundo¹⁷, mundo no qual cada ferramenta desempenha uma função, tem um uso específico:

¹⁴ Cf. IF §§ 81, 92, 101.

¹⁵ Charles Morris, um dos expoentes do 'positivismo lógico', propôs uma divisão do estudo sobre os signos entre: a) semântica: o estudo da relação dos signos com as coisas que estes representam; b) sintaxe: o estudo da relação dos signos com outros signos; c) pragmática: o estudo da relação dos signos com seus usuários. Na pragmática, quando o contexto de uma proposição é modificado, o é também seu significado. (cf. Honderich, 2001, p. 947; Charaudeau & Maingueneau, 2004, pp. 393-396)

¹⁶ Rorty, Wittgenstein e a virada lingüística, p. 3.

¹⁷ Cf. IF § 569.

- Es ist interessant, die Mannigfaltigkeit der Werkzeug der Sprache und ihrer Verwendungsweisen, die Mannigfaltigkeit der Wort – und Satzarten, mit dem zu vergleichen, was Logiker über den Bau der Sprache gesagt haben. (Und auch der Verfasser der *Logisch-Philosophischen Abhandlung*)¹⁸

Por conseguinte, proposições e palavras não são verdadeiras ou falsas pelo 'mundo', mas, enquanto ferramentas, pelos usos que os agentes fazem com elas, porquanto “Die Bedeutung eines Wortes ist sein Gebrauch in der Sprache.¹⁹ O que implica que a compreensão da linguagem deve levar em consideração a tese de que não há uma linguagem privilegiada, mas linguagens²⁰, cada qual com seu uso específico. Por isto, elucidar o sentido de uma proposição implica em reconduzi-la ao seu contexto 'de uso', pois, se antes, como no TLP, “ein Wort habe nur im Satzzusammenhang Bedeutung”²¹, agora é este 'contexto de uma proposição' que deve ser compreendido levando-se em consideração o 'contexto lingüístico' no qual ele se apóia. É por este motivo que a pragmática da linguagem precede a semântica e a sintaxe. Levando-se em consideração o paralelo entre usos da linguagem e os usos de ferramentas²², deduz-se disto que se uma determinada ferramenta possui uma função, um uso específico, também as palavras têm funções específicas, são usadas como usamos um martelo para pregar um prego numa parede, um prego para afixar um quadro contra a parede etc.

Mas a imagem também serve para destacar outro ponto importante. Aparentemente, se determinada ferramenta perde sua função de uso, ela deixa de ter 'significado'. Isto equivaleria, quanto à palavra, afirmar “daß das Wort keine Bedeutung hat, wenn ihm nichts entspricht.”²³ Entretanto, não é este o caso. Wittgenstein argumenta que 'significado' não deve ser confundido com 'portador do significado'. O problema aqui não é de ordem semântica. Que aconteceria se um 'portador' de uma palavra não fosse encontrado no mundo, não fosse empiricamente verificável, embora tenha significado num contexto de uso de uma linguagem, participa dos 'jogos de linguagem' de determinados agentes²⁴? Portanto, é nos contextos de 'usos' de uma linguagem que um

¹⁸ IF § 23: “- É interessante comparar a multiplicidade de ferramentas da linguagem e de seus modos de emprego, a multiplicidade de gêneros de palavras e proposições com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (Incluindo o autor do *Logisch-Philosophischen Abhandlung*).

¹⁹ IF § 43: “O significado de uma palavra é seu uso na linguagem.”

²⁰ Cf. IF § 110.

²¹ IF § 49: “uma palavra somente tem significação no contexto de uma proposição.” O argumento do ‘*Satzzusammenhang Bedeutung*’, derivado de Frege (1992, §§ 60-62), foi utilizado tanto no TLP (cf. 3.3 e 3.314) quanto nas IF, embora tenha recebido de Wittgenstein substanciais modificações.

²² Cf. IF § 11.

²³ IF § 40: “que a palavra não tem significação, se nada lhe corresponde.”

²⁴ Cf. IF §§ 39-46.

agente pode compreender uma palavra, ou uma proposição. É no contexto dos usos que um 'significado' emerge, não o contrário, pois pode muito bem ocorrer que:

- (i) determinado objeto existe e poderia ser empiricamente verificado no tempo e no espaço físicos por um agente, embora lhe seja 'desconhecido';
- (ii) determinado 'objeto' não existe no tempo e no espaço físicos, não pode ser empiricamente verificado por um agente, mas lhe é 'conhecido'.

Entretanto, por paradoxal que possa parecer, mesmo levando-se em consideração (i), a sentença 'objeto desconhecido' poderia ocupar um espaço no 'jogo' em questão, se for levada em consideração que o 'reconhecimento' de que pode haver um 'objeto desconhecido' integra os jogos de linguagem de um agente. Logo, embora determinado objeto lhe seja desconhecido, este 'não conhecimento' compõe um jogo de linguagem. Conseqüentemente, embora o agente possa 'não conhecer' o objeto em questão, é capaz de 'reconhecer' este 'desconhecimento'. Em outro prisma: embora determinada palavra não tenha 'significado', e o 'portador' deste significado não seja um objeto a ser verificado imediatamente pelo agente, o adjetivo 'desconhecido' tem significado, é compreendido pelo agente.

Por outro lado, (ii), embora não existindo no tempo e no espaço físico e, portanto, não passivo de verificação empírica, um 'objeto' pode existir para um agente, nos jogos de linguagem nos quais ele participa. Wittgenstein exemplifica este passo com a palavra 'Nothung'²⁵. Dificilmente algum agente que não participa de um 'jogo' específico poderia, diante desta palavra, reagir a ela de alguma forma. Entretanto, para aqueles agentes que participam de um 'jogo' específico, saberão que 'Nothung', para a tradição germânica, equivale ao 'jogo' de outra tradição, 'Excalibur'²⁶, pois 'Nothung' é a espada de Siegfried, personagem mitológico germânico do período medieval, e 'Excalibur', a espada de outro personagem mitológico, o rei Arthur. Embora a palavra 'Nothung' tenha significado para um agente germânico, não lhe é um objeto passivo de verificação no tempo e no espaço físicos, a não ser que 'tempo' e 'espaço' sejam compreendidos sob outro significado²⁷. Em outro prisma: mesmo que não exista um 'portador' para 'Nothung', esta palavra possui significado para aquele agente que participa de um jogo de linguagem germânico, no qual a palavra 'Nothung' tem significado.²⁸ Portanto, uma teoria correspondencial

²⁵ Cf. IF § 39.

²⁶ Anscombe, seguindo o preceito que uma tradução é um jogo de linguagem (IF § 23), verteu 'Nothung' para 'Excalibur', procurando, com isto, esclarecer o significado de 'Nothung' para os ingleses, que 'jogam' numa língua distinta do alemão.

²⁷ Em Kant, por exemplo, 'tempo' e 'espaço' constituem "condições da existência das coisas enquanto fenômenos." (KrV, B XXV).

²⁸ Cf. Dutra, 2008, pp. 51-90 e pp. 185-227.

da proposição, como a defendida no TLP, não teria prioridade neste 'jogo'. Pois a seguinte proposição '*Nothung* tem um corte afiado' seria descartada como sem sentido, dado que '*Nothung*', o sujeito da proposição "*Nothung* tem um corte afiado", não é um objeto passivo de verificação empírica. Em conseqüência, tal proposição seria classificada como 'sem sentido', o que não é o caso em questão.

Neste contexto, poder-se-ia afirmar que o núcleo teórico constitutivo das IF pode ser compreendido como 'externalista'²⁹, dado que fatores sociais, intersubjetivos, estruturam e compõem a 'mente'³⁰, o pensamento de um agente, não somente como determinantes causais, mas lógicos, inclusive; ou seja, existem conexões entre o mundo e os 'conteúdos' do pensamento de um agente que não se manifestam senão dentro das relações intersubjetivamente compartilhadas de uma comunidade lingüística. Neste sentido, existe uma correlação entre 'pensamento e linguagem' e 'linguagem e mundo' que não pode ser transposta pelo agente. Portanto, é no contexto dos 'usos', nos 'jogos de linguagem', que o significado de uma linguagem se manifesta para um agente.

Levando-se em consideração estes pressupostos, pode-se afirmar que não existe uma compreensão de mundo neutra, dado que a linguagem que configura o pensamento de um agente é regida por regras sociais, de uma práxis lingüística intersubjetivamente compartilhada que configura sua visão de mundo.³¹

Ainda que, por hipótese, um agente queira criar uma 'linguagem privada', desvinculada da práxis na qual se encontra, só poderia erigi-la contra e a partir

²⁹ Sobre o status da questão atual entre internalismo e externalismo, cf. Valcarenghi, 2008.

³⁰ Deve-se evitar, aqui, qualquer correspondência metafísica ao 'mentalismo': a idéia de que a semântica de um agente é determinada na 'sua' mente, como algo que estrutura seu comportamento aquém do que possa revelar em seu comportamento lingüístico. Como veremos adiante, um contexto não depende de uma mente, mas ao contrário, a 'mente' somente subsiste em função do contexto. Para uma crítica ao mentalismo, conferir o artigo de Quine, 1969, 'Ontological relativity'.

³¹ Sem dúvida que esta perspectiva, sob certo prisma, parece muito próxima à de um conceito muito utilizado pela hermenêutica, a 'Weltanschauung'. Entretanto, como este conceito guarda estreita relação com a metafísica, não parece ser o caso. Ao contrário, 'Lebenswelt' guarda uma 'semelhança de família' com 'Gepflogenheit', costume, hábito, dado que uma 'Lebenswelt' implica uma 'Gepflogenheit' e vice-versa. O princípio wittgensteineano do 'einer Regel folgen' ajuda a elucidar a questão, pois a expressão 'seguir uma regra' é sinonímia para as expressões como 'seguir os hábitos', 'seguir os costumes', 'seguir as instituições', 'seguir os usos'. Quando, por exemplo, digo 'nach den hiesigen Gepflogenheiten', estou querendo dizer com isto que 'sigo as regras da casa'. Obviamente que não estou afirmando que uma construção projetada e executada pela Engenharia Civil, e que denominamos casa, determina regras a serem seguidas, mas que aqueles agentes que compõem uma 'casa' estabelecem regras, usos, costumes que todos ali participam e, conseqüentemente, seguem as 'Gepflogenheiten' da 'casa'. Portanto, são os usos e costumes desta que estabelecem uma 'Lebenswelt'.

do seu contexto. Não obstante, sublinha Wittgenstein, essa tarefa é impossível quando desvinculada da prática social, dado que tal agente não possuiria nenhum critério para determinar a correção das suas hipóteses³². Logo, os critérios que determinam a correção ou a incorreção das hipóteses que um agente formula em 'seu' pensamento provêm da linguagem publicamente partilhada por ele. Dito de outra forma, "Ein 'innere Vorgang' bedarf äußerer Kriterien."³³

Ou seja, os critérios que corroboram as crenças de um agente acerca do mundo, da verdade, do comportamento, por exemplo, adquirem significado tão somente mediante o uso social intersubjetivo que o mesmo faz da linguagem, a partir do contexto em que ele está situado. Sob estas pressuposições, pode-se afirmar que uma linguagem envolve um consenso de ação, costumes e técnicas intersubjetivamente compartilhadas, pois compartilhar uma linguagem é compartilhar uma 'forma de vida'.

Donald Davidson, um dos mais destacados filósofos da segunda metade do século XX, reconheceu a importância das reflexões sobre a linguagem contidas nas IF. Embora extensa a citação, merece ser apresentada, pois expõe alguns pressupostos que julgamos extremamente relevantes para o desenvolvimento do nosso tema:

Alguém que tem uma crença sobre o mundo – ou qualquer outra coisa – deve apreender o conceito de verdade objetiva, do que é o caso independente do que ele ou ela pensa. Nós devemos perguntar, portanto, pela fonte do conceito de verdade. Wittgenstein nos coloca na esteira da única possível resposta a esta questão, tenha sido, ou não, o seu problema tão amplo quanto o nosso; e tenha ele acreditado, ou não, em respostas a problemas filosóficos. A fonte do conceito de verdade objetiva é a comunicação interpessoal. O pensamento depende da comunicação. Isto se segue tão logo supusermos que a linguagem é essencial ao pensamento, e se concordarmos com Wittgenstein que não é possível haver uma linguagem privada. O argumento central contra linguagens privadas é que, a menos que uma linguagem seja compartilhada, não existe maneira de distinguir entre usar a linguagem corretamente e usá-la incorretamente; apenas a comunicação com um outro pode fornecer uma verificação objetiva. Se apenas a comunicação pode fornecer uma verificação do uso correto das palavras, apenas a comunicação pode prover um padrão de objetividade em outros domínios, pelo menos de acordo como eu argumento. Nós não temos razões para atribuir a uma criatura com a capacidade de fazer a distinção entre o que é pensado como sendo o caso e o que é o caso, a menos que a criatura tenha o padrão fornecido pela linguagem compartilhada; e sem essa distinção não há nada que possa ser claramente chamado de pensamento. Na comunicação, o que um falante e seu intérprete devem

³² Cf. IF § 258.

³³ IF § 580: "Um 'processo interior' necessita de critérios exteriores."

compartilhar é um entendimento sobre o que o falante quer dizer com o que ele fala.³⁴

É neste sentido que defendemos a tese que uma semântica de cunho pragmático-expressivista constituem o núcleo da argumentação que norteia as IF, se admitido que os agentes ‘seguem uma regra’, compartilham uma ‘forma de vida’ que configura seus pensamentos, seus comportamentos, suas crenças, desejos etc. Mas, o que significa ‘seguir a regra’? Uma regra é um ‘jogo de linguagem’ bem estabelecido numa sociedade lingüística. Por conseguinte, só podemos falar apropriadamente que um agente ‘segue uma regra’ quando esta regra é publicamente seguida, embora não seja ‘percebida’ para aquele que a segue. Se fosse o caso de utilizarmos uma linguagem freudiana, uma regra é seguida ‘inconscientemente’, dado que as ‘regras’ que configuram a ‘mente’³⁵ de um agente são ‘imperceptíveis’ a ele:

Ist, was wir “einer Regel folgen” nennen, etwas, was nur *ein* Mensch, nur *einmal* im Leben, tun könnte? – Und das is natürlich eine Anmerkung zur *Grammatik* des Ausdrucks “der Regel folgen”.

Es kann nicht ein einziges Mal nur eine Mitteilung gemacht, ein Befehl gegeben, oder verstanden worden sein, etc. – Einer Regel folgen, eine Mitteilung machen, einen Befehl geben, eine Schachpartie spielen sind *Gepflogenheiten* (Gebräuche, Institutionen).

Einen Satz verstehen, heißt, eine Sprach verstehen. Eine Sprach verstehen, heißt eine Technik beherrschen.³⁶

As regras que possibilitam os ‘jogos de linguagem’ se caracterizam, portanto, pela multiplicidade e dinâmica oriundas dos usos da linguagem ordinária³⁷. Assim como novas ferramentas surgem em função de necessidades específicas, também a linguagem, em conformidade com as necessidades dos ‘usos’ dos agentes.

Por conseqüência, somente pelos ‘usos’ (Gebräuche) uma linguagem adquire significado, pode ser compreendida, ou seja, pelos contextos das variadas ‘formas de vida’ (Lebensform), das atividades das quais um agente é engajado. Portanto, a compreensão dos ‘jogos de linguagem’ implica uma expressividade e uma pragmática da linguagem. Por conseguinte, o significado de uma palavra

³⁴ Davidson, ‘Três variedades de conhecimento’, pp. 3-4.

³⁵ Um excelente argumento contra uma perspectiva metafísica da mente é o artigo de Donald Davidson, 1980, ‘The material mind’.

³⁶ IF § 199: O que denominamos “seguir uma regra” é algo que *um* homem pudesse fazer apenas *uma* vez na vida? – E isto é naturalmente uma anotação sobre a *gramática* da expressão “seguir a regra”. É impossível que um homem, uma única vez, tenha seguido uma regra. Não pode ser que uma comunicação tenha sido feita, que uma ordem tenha sido dada e compreendida apenas uma vez etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são *costumes* (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma linguagem. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica.

³⁷ Cf. IF § 23.

é o seu 'uso' em determinado contexto³⁸, que configura os 'jogos de linguagem'³⁹.

Em conseqüência, em conformidade com as IF, não existe uma semântica pré-determinada sob a linguagem ordinária, mas o conceito de 'semântica' deve ser compreendido levando-se em consideração a 'função' que determinadas proposições exercem em um contexto específico de uso e com objetivos específicos em relação aos agentes. Em outro prisma: o significado, extrínseco à palavra e à 'mente'⁴⁰ do agente engajado, alterna dependendo do contexto dos 'jogos de linguagem' nos quais a palavra é utilizada, e do propósito deste uso pelos agentes, dado que palavras não são usadas primordialmente para descrever e mensurar a realidade, mas para 'realizar' algum objetivo⁴¹.

Conseqüentemente, são potencialmente indefiníveis as semânticas que possibilitam os 'usos' que os agentes fazem com a linguagem, e não há por que privilegiar uma em detrimento de outra, uma vez que os usos dependem dos objetivos específicos dos agentes em contextos específicos. Portanto, o significado de uma palavra depende dos contextos no qual um enunciado é proferido⁴².

São esses diferentes contextos de uso, com seus objetivos específicos, que Wittgenstein caracteriza como 'jogos de linguagem'. A noção de 'uso' supõe que a linguagem é sempre utilizada num contexto de interação entre agentes, que a empregam com um objetivo determinado. Deste modo, como acertadamente demonstrou Nagel, só faz sentido dizer que alguém está ou não usando um conceito corretamente quando se tem, como pano de fundo, a

³⁸ Cf. IF §§ 43 e 432.

³⁹ Cf. IF § 7.

⁴⁰ Uma expressão como 'ter algo em mente' é extremamente ambígua. Que significa a expressão 'ter algo em mente'? Significa que um agente possui uma série de 'coisas' em sua mente que correspondem às coisas fora de sua mente? O primeiro problema, sob o ponto de vista 'científico', é que a palavra 'mente' é um construto que não corresponde a nenhuma 'entidade' passiva de verificação. Sob o ponto de vista da gramática, embora a palavra 'mente' seja classificada como substantivo feminino, isto não equivaleria a compará-la a um outro substantivo feminino, como a palavra 'bolsa', mesmo que ambas guardem uma analogia, pois quando falo que 'tenho algo em mente' é uma quase sinonímia para 'tenho algo na bolsa'. Em terceiro lugar, o significado da palavra 'mente' depende de um contexto, pois é este que estabelece uma 'mente', não o contrário (cf. Davidson, 1980; Quine, 1969). Também seria plausível que outro agente defenda o conceito de 'alma' no lugar de 'mente'. Como estes construtos poderiam ter significado senão dentro de um contexto lingüístico específico? E qual contexto teria prioridade, o da 'alma' ou o da 'mente'? O problema é que nenhum agente possuiria uma 'mente' ou 'alma' se não estivesse num contexto que lhe fornecesse estas compreensões, e muito menos teriam 'algo em mente'.

⁴¹ Cf. IF § 23.

⁴² A título de curiosidade infantil, a palavra 'manga', em Minas e Goiás, por exemplo, pode se referir a uma fruta; a uma parte de uma camisa; ou a uma chuva que cai inesperadamente.

possibilidade de um acordo e um desacordo identificável quanto aos juízos que empregam tal conceito.⁴³

Conseqüentemente, o antiessencialismo e antirepresentacionismo das IF rompem com esquemas duais entre o intrínseco e o extrínseco, de tal forma que a compreensão emerge tão somente através dos contextos de relações dos usos da linguagem pelos agentes. Este 'contexto de inteligibilidade' é assim definido por Taylor:

what arises with engaged agency. It is the context of intelligibility of experience for the kind of agent. If a given kind agency is engaged in this sense, then its experience is not intelligible outside this context.⁴⁴

Parece, portanto, que uma das conseqüências das teses das IF é que nada pode ser descrito e compreendido a não ser intersubjetivamente, de um 'contexto de inteligibilidade'. Conseqüentemente, não existem critérios de verdade ou conhecimento a não ser no 'contexto de inteligibilidade', dado que a incontornabilidade da linguagem intermedeia e configura o pensamento dos agentes engajados.

Logo, o significado e o sentido são estabelecidos através dos usos de uma linguagem. Esta, portanto, somente pode ser compreendida e constituída a partir das relações estabelecidas na pragmática dos agentes engajados. Neste aspecto, a compreensão do mundo emerge do contexto no qual os agentes estão radicados, embora o contexto não independa dos agentes que o constitui, mantém e o transforma⁴⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a compreensão de um agente advém das suas práticas socialmente partilhadas:

A compreensão advinda de um pano de fundo, que é por nós partilhada, e que está entrelaçada com nossas práticas e maneira de estabelecer relações, não é necessariamente algo que partilhamos como indivíduos. Isto é, ela pode ser parte de uma compreensão desse gênero de uma certa prática ou significado que não são meus porém nossos; e pode de fato ser 'nossa' de várias

⁴³ Nagel, 2004, p. 175.

⁴⁴ Taylor, 1995, p. 69: "aquilo que advém com o agente engajado. É o contexto de inteligibilidade da experiência desse agente. Se dado tipo de agente é engajado nesse sentido, sua experiência não é inteligível fora desse contexto."

⁴⁵ Aqui, talvez, a maior diferença em relação estruturalismo, que é muito próximo do 'realismo literário', para o qual o 'contexto' se aproxima muito da imagem de um deus todo poderoso, que determina de modo absoluto a configuração dos agentes. Também se distingue de uma determinada visão do 'behaviorismo', para o qual o 'contexto' tem um *status* infinitamente superior ao agente, que, literalmente, poderia ser chamado 'paciente'.

maneiras: como algo intensamente partilhado, que serve de coesão à comunidade; ou algo bem impessoal, em que apenas agimos como ‘todo mundo’. Fazer aflorar o pano de fundo permite-nos articular os modos pelos quais nossa força de adesão é não-monológica, uma forma em que a sede de certas práticas e compreensões é precisamente *não* o indivíduo, mas um dos espaços comuns intermediários.⁴⁶

Neste sentido, o método dos ‘jogos de linguagem’ (Sprachspiel) implica uma reavaliação sobre os critérios constitutivos das crenças dos agentes sobre o conhecimento, uma vez que o ‘dado’ não é um conteúdo neutro acessado dum suposta mente de um suposto agente desprendido, mas emerge das formas de vida (Lebensform) que tornam possível a experiência de mundo deste agente. Conforme Rorty, Isso equivale a dizer que se não temos a distinção entre o que é ‘dado’ e o que é ‘acrescentado pela mente’, ou entre o ‘contingente’ (porque influenciado pelo que é dado) e o ‘necessário’ (porque inteiramente ‘dentro’ da mente e sob seu controle), então não iríamos saber o que iria contar como ‘reconstrução racional’ de nosso conhecimento. Não saberíamos qual poderia ser a meta ou o método da epistemologia.⁴⁷

Portanto, a dissolução da autoridade de uma hipotética primeira pessoa, e, em consequência, a dissolução do mito do ‘dado’, parece resultar em pelo menos duas consequências para a epistemologia:

(i) uma investigação não se origina de uma suposta ‘mente metafísica’ de um agente, uma vez que esta não pode instituir um critério de certeza, que é público, não privado;

(ii) ainda que a distinção para um agente entre aquilo que ele ‘tem mente’ e o ‘seu objeto de análise’ seja possível no momento em que ele analisa ‘suas’ pressuposições, isso ocorre porque ele opera do interior de uma linguagem publicamente compartilhada que lhe possibilita essa peculiaridade do conhecimento pela ‘primeira pessoa’.

(iii)

Se levarmos em consideração as hipóteses (i) e (ii), parece, sob qualquer ângulo de análise, ser razoável afirmar que não conseguiríamos vislumbrar um fundamento neutro de critério sobre as proposições de um agente sobre o mundo, uma vez que a perspectiva dos critérios de um agente engajado sobre o correto/incorrecto, o verdadeiro/falso etc., são questões que se decidem na pragmática social da linguagem.

Portanto, a partir das teses de Wittgenstein nas IF, se se pode falar com propriedade sobre critérios de justificação, estes devem ser compreendidos levando-se em consideração a pragmática, tendo em vista que todo agente está imprescindivelmente radicado numa práxis de uma determinada comunidade lingüística, e desta compartilha ‘seus’ critérios, critérios pelos

⁴⁶ Taylor, 1995, pp. 76-77.

⁴⁷ Rorty, 1994, pp. 174-175.

quais formula questões, enuncia avisos, dá ordens, expressa emoções, ensina, ama, produz pesquisas, forma justificativas etc.⁴⁸ É pelos motivos elencados que Rorty, na esteira de Wittgenstein, defende a tese que a “justificação não é uma questão de uma relação especial entre idéias (ou palavras) e objetos, mas de conversação, de prática social.”⁴⁹

Portanto, para Wittgenstein, a linguagem envolve consenso de ação, costumes e técnicas socialmente compartilhadas. Esta tese parece ser o ponto nodal da filosofia pragmático-expressivista das IF de Wittgenstein: compartilhar uma linguagem implica compartilhar uma ‘Lebensform’. Se admitida esta hipótese, acordos ou desacordos entre agentes sobre possíveis critérios que possam estabelecer o que é o correto ou o incorreto, a verdade da não-verdade etc., são questões pragmático-expressivistas, não opiniões privadas causadas por uma hipotética primeira pessoa, mas oriundas dos ‘jogos de linguagem’ configurados pelas ‘formas de vida’ nas quais participamos na condição de agentes engajados:

“So sagst du also, daß die Übereinstimmung der Menschen entscheide, was richtig und was falsch ist?” – Richtig und falsch ist, was Menschen sagen, und in der Sprache stimmen die Menschen überein. Dies ist keine Übereinstimmung der Meinung, sondern der Lebensform.⁵⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBE, G. E. M. **An introduction to Wittgenstein's Tractatus**. 2 ed. New York: Harper Torchbooks, 1965.
- AUDI, R. (edit.). **Dicionário de filosofia Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANQUINHO, J; MURCHO, D; GOMES, N G (orgs.). **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COMETTI, J P. **A filosofia sem privilégios**. Porto: Asa, 1995.
- DAVIDSON, D. ‘The material mind’, in: Id. **Essays and actions and events**. New York: Oxford University Press, 1980, pp. 245-259.
- _____. ‘Três variedades de conhecimento’. Disponível no sítio: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/davidson_tresvariedades.pdf
- DUTRA, L. H. A. **Pragmática da investigação científica**. São Paulo: Loyola, 2008.
- FREGE, Gottlob. **Os fundamentos da aritmética**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.
- _____. **Ensayos de semántica y filosofía de la lógica**. Madrid: Tecnos, 1988.

⁴⁸ Cf. IF § 23.

⁴⁹ Rorty, 1994, p. 176.

⁵⁰ IF § 241: “Então afirma que é a concordância entre as pessoas que decide o que é o verdadeiro e o falso?” – Verdadeiro e falso é o que os homens dizem; e é na linguagem que as pessoas concordam. A linguagem não é uma concordância de opiniões, mas de formas de vida.”

- GLOCK, H J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRECO, J; SOSA, E (orgs.). **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HACKING, I. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** São Paulo: Edunesp, 1999.
- HINTIKKA, M. B.; HINTIKKA, J. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papyrus, 1994.
- HONDERICH, T. (org.). **Enciclopédia Oxford de filosofia**. Madrid: Tecnos, 2001.
- IMAGUIRE, G; SCHIRN, M. **Estudos em filosofia da linguagem**. São Paulo: Loyola, 2008.
- KANT, I. **Kritik der reinen Vernunft**. Hamburg: Meiner, 2003.
- KENNY, A. **Wittgenstein**. 2 ed. Madrid: Alianza, 1984.
- MARQUES, E. **Wittgenstein e o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MORENO, A. R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. Campinas: Edunicamp, 2005.
- _____. **Wittgenstein através das imagens**. 2 ed. Campinas: Edunicamp, 1995.
- NAGEL, Thomas. **Visão a partir de lugar nenhum**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ORAYEN, R; MORETTI, A (orgs.). **Filosofia de la lógica**. Madrid: Trotta, 2004.
- PENCO, C. **Introdução à filosofia da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PINTO, P R M. **Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PESCADOR, J H S. **Princípios de filosofia del lenguaje**. Madrid: Alianza, 1986.
- QUINE, W. V. 'Ontological relativity', in: Id. **Ontological relativity & other essays**. New York: Columbia University Press, 1969, pp. 26-68.
- RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. **Verdade e progresso**. São Paulo: Manole, 2005.
- _____. "Wittgenstein e a virada lingüística". Disponível no sítio: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/rorty_virada.pdf
- STEGMÜLLER, W. **A filosofia contemporânea**, vol. 1. São Paulo: EPU, 1977.
- TAYLOR, C. **Philosophical arguments**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- _____. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.
- THORNTON, T. **Wittgenstein: sobre linguagem e pensamento**. São Paulo: Loyola, 2007.
- VALCARENGHI, E. C. 'O internalismo pode integrar uma análise correta do conceito de conhecimento?'. **Kriterion**, 2008, vol.49, n. 117, pp.39-66.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. 3 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- _____. **Gramática filosófica**. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp: 1994.